

## **ANÁLISE DO CONHECIMENTO DE MULHERES GESTANTES SOBRE O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS DURANTE A GESTAÇÃO**

Sara Macedo da Silva<sup>1</sup>; Priscila Aparecida Rodrigues<sup>2</sup>

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail:sara\_macedo05@hotmail.com
2. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: pri.ar@outlook.com

**Área do conhecimento:** Psicologia social

**Palavras-Chave:** Álcool; mulheres gestantes; Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal

### **INTRODUÇÃO**

O Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal agrupa todas as classificações dos transtornos causados pela ingestão de álcool durante a gravidez que afetaram o feto, sendo a SAF (Síndrome Alcoólico Fetal) o mais grave, causando na criança deficiência no crescimento, características faciais típicas (fissura palpebral curta, lábio superior fino, face plana) e prejuízo no sistema nervoso central (microcefalia, prejuízo intelectual), e os efeitos alcoólicos fetais (FAE) é diagnosticado em crianças que apresentam algumas características do espectro, mas que não fecham o diagnóstico (FERREIRA et al, 2013). De acordo com Pinho, Pinto e Monteiro (2006), o primeiro trimestre da gestação é o período de maior risco para desenvolver o TEAF, embora doses altas nos demais estágios também é arriscado, portanto não há conhecimento para uma dose segura do consumo de bebidas alcoólicas durante a gravidez, e como o transtorno é sem cura e irreversível, o recomendado é abstenção total de bebidas alcoólicas durante toda a gestação para a prevenção. No Brasil, estima-se que 68,3% das mulheres brasileiras já fizeram uso de álcool na vida e que 6,9% das mulheres são dependentes do álcool (CARLINI; GALDUROZ, 2007). No entanto, na Caderneta da Gestante, disponível no site do Ministério da Saúde, sequer há menção ao TEAF e aos riscos de consumir álcool durante a gestação, apenas recomenda a evitar bebidas alcoólicas para o bem estar da gestante (MINISTERIO DA SAÚDE, 2018). Levando em consideração os pressupostos levantados acima, a presente pesquisa justifica-se perante a importância científica e social de investigar se as mulheres gestantes possuem conhecimento sobre o comportamento de risco de consumir bebidas alcoólicas quando se pretende engravidar e durante a gestação. A hipótese é de que as mulheres gestantes não sabem o motivo científico para não ter o comportamento de ingerir bebidas alcoólicas neste período, ficando restritas apenas ao senso comum e a função de cuidado que é exigido socialmente que exerçam a partir do momento que começam a gerar a prole.

### **OBJETIVOS**

O presente estudo teve por objetivo geral investigar o conhecimento por parte das mulheres gestantes sobre o Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal e, os objetivos específicos foram, analisar a prevalência de mulheres que fazem acompanhamento pré-natal durante a gestação, analisar há consumo de álcool durante a gestação e analisar se as mulheres gestantes percebem os riscos de ingerir bebidas alcoólicas durante este período.

### **METODOLOGIA**

A presente pesquisa se qualifica como empírica exploratória de caráter quantitativo e qualitativo transversal, escolha essa devido à escassez de literatura neste campo. A primeira etapa foi resumida em realizar o levantamento bibliográfico para aumenta a familiaridade do

pesquisador com o tema estudado, e assim, atingir o objetivo da pesquisa que é a formulação de questões ou de um problema (LAKATOS E MARCONI, 1999). A segunda etapa se concentrou no levantamento de dado e para isso foi utilizado um questionário semiestruturado. De acordo com Lakatos e Marconi (1999), o questionário é um “instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”, desta forma, o questionário foi enviado em grupos de gestantes em redes sociais e solicitado que fosse respondido, obtendo as vantagens de, assim, alcançar um maior número de gestantes, com respostas mais precisas e garantido maior liberdade na resposta em razão do anonimato. A terceira etapa foi definida pela análise quantitativa e qualitativa dos dados levantados.

## **RESULTADOS/DISCUSSÕES**

O questionário foi respondido por 30 mulheres gestantes com idades entre 18 e 38 anos. Nenhuma participante contemplou os critérios de exclusão. Conforme destacado por Guimarães (2018), mulheres de baixa renda e em vulnerabilidade socioeconômica estão mais propensas ao uso abusivo de álcool, portanto, é um grupo de risco para o consumo de álcool durante a gestação e, assim, há maior probabilidade de desenvolver o Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal na prole. Desta forma, no questionário utilizado na presente pesquisa foram inseridas questões do levantamento sócio demográfico para analisar o perfil das mulheres participantes para analisar se estas informações se confirmam. As mulheres gestantes participantes desta pesquisa, em média, possuem 25 anos, estão no 19 semana de gestação, não possuem outros filhos, são alfabetizadas, com ensino médio completo, majoritariamente moradoras de zona urbana e de renda familiar entre um e quatro salários mínimos. Para se entender sobre o uso de bebidas alcoólicas durante a gestação é importante traçar o perfil de consumo antes da gestação, desta forma, sobre o consumo de bebidas alcoólicas, todas as participantes afirmaram que alguma vez na vida já fizeram o uso, sendo que para a metade delas o consumo foi declarado como esporádico, inferior a seis vezes ao ano. Já para as outras 50% das participantes o consumo foi relatado como mensal, sendo que, destas, 6,7% consomem bebidas alcoólicas entre duas e seis vezes ao mês, 23,3% uma vez por semana e 10% entre duas e quatro vezes por semana. De acordo com Pinho, Pinto e Monteiro (2006) o período crítico para se ingerir bebidas alcoólicas durante a gravidez é no primeiro trimestre, quando está sendo formado o sistema nervoso central, desta forma, para se saber como foi esse período para as participantes, foi questionado sobre o planejamento da gravidez, e 63,3% das participantes não planejaram a gestação atual. Sobre o período em que descobriu a gestação, 46,7% das participantes afirmaram ter descoberto a gestação entre uma e quatro semanas, 43,3% descobriram entre cinco e doze semanas e 10% descobriram depois da décima terceira semana, ou seja, 90% das participantes descobriram a gestação atual ainda no primeiro trimestre. Todas as participantes fazem o acompanhamento pré-natal, sendo 53,3% em serviço público de saúde e 46,7% em serviço particular. Buscando identificar um possível consumo de bebidas alcoólicas durante a gestação, foi questionado aos participantes se elas fizeram o uso de substâncias alcoólicas antes de saber que estava grávida e 73,3% afirmaram ter consumido, no entanto, 83,3% das participantes pararam de fazer o uso de bebidas alcoólicas após descobrir a gestação, 16,7% continuaram consumindo em igual e/ou menor quantidade. Sendo assim, embora grande parte das entrevistadas tenham feito o uso de substâncias alcoólicas antes de descobrir que estavam grávidas, a maioria interrompeu o uso ao saber da gravidez, o que confirma os achados por Mesquita (2010), em um estudo realizado no Rio de Janeiro em que constatou que 40,6% das parturientes entrevistadas consumiram bebida alcoólica em algum período da gestação e apenas 10,1% fizeram-no até o final da gravidez. Além disto, na presente pesquisa a prevalência do uso de álcool durante a gestação é de 16,7%, dado que corrobora com os achados na literatura pois estes mostram que, no Brasil, a prevalência varia entre 6,1 e 40,6%, variando conforme fatores sociodemográficos, familiares e comportamentais (GUIMARÃES et al., 2018).

Ao indagar participantes se elas acreditam que mulheres grávidas podem beber e o porquê, 76,7% acreditam que não devem consumir e justificaram que pode trazer risco ao feto, a mãe e para a gestação em sim. Para 10% das participantes esta é uma decisão moral e pessoal, para 3,3% é importante dar um tempo para não prejudicar o bebê e para outras 3,3% o problema é o consumo em excesso, mas, mesmo assim, é importante evitar. Já para 3,3% das pesquisas as mulheres grávidas podem sim fazer o consumo de bebidas alcoólicas e 3,3% acreditam que beber socialmente pois não afeta a gestação. Estes dados confirmam o estudo realizado por Caires e Santos (2020) com mulheres alcoolistas e que mostram que estas mulheres têm consciência que o consumo de álcool durante a gestação pode ser prejudicial para a gestação podendo levar a má formação e a morte do feto, embora faltem informações para especificar quais seriam esses possíveis os malefícios e correlacionam a má formação apenas à aspectos físicos, sem considerar a possibilidade de alterações neurocognitivas e comportamentais. Quando questionadas se, ao longo da vida, já recebeu informações sobre os riscos de mulheres gestantes ingerirem bebidas alcoólicas e caso sim, por quem, 23,67% relataram que receberam via acompanhamento médico e outros meios, 43,33% receberam via meios de comunicação, 13,33% receberam a informação mas não sabem informar o meio, 3,33% não recebeu a informação mas descobriu em pesquisas próprias e 13,33% nunca recebeu este tipo de informação. Assim, embora a maioria das mulheres tenham conhecimento sobre os riscos, fica evidente que estas informações não vieram por meios de acompanhamento médico da gestante, de forma que as informações podem não ser precisas e estar baseadas no senso comum e tabus. Conforme apresentado por Caires e Santos (2020), embora haja conhecimento sobre os riscos que o consumo de bebidas alcoólicas durante a gestação pode acarretar, este conhecimento é incipiente. Assim, profissionais da saúde inseridos na assistência a mulheres gestantes podem contribuir para levar o conhecimento científico a estas mulheres com foco na prevenção do uso de bebidas alcoólicas na gestação. Foi indagado as participantes sobre, no entendimento delas, quais os riscos de mulheres grávidas ingerirem bebidas alcoólicas durante a gestação 70% relacionaram a riscos como má formação, aborto, dependência química do feto, problemas a gestante durante a gestação e deficiência, sendo que, apenas 10% relacionou diretamente a Síndrome Alcoólica Fetal. Além disto, 10% relacionou a problemas de aprendizagem, 3,33% entendem que há riscos somente para a gestante, 10% acreditam que há riscos, mas não soube especificar quais, 3,33% não sabe dizer se há riscos e 3,33% acredita que não há riscos. Embora a maioria das gestantes não tenham ligado os riscos da exposição intrauterina ao álcool diretamente a SAF, pode-se dizer que elas tem conhecimento sobre características da síndrome, que incluem má formações, restrição de crescimento pré e/ou pós-natal e evidências de alterações estruturais e/ou funcionais do sistema nervoso central podendo causar a microcefalia e o prejuízo intelectual. Outros riscos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas durante a gestação também incluem o abortamento, a natimortalidade, e o nascimento prematuro, além disto, a retirada abrupta do feto do ambiente uterino alterado pelo álcool poderá levar à síndrome de abstinência alcoólica ao nascer (MESQUITA, 2010). Ao fim da pesquisa, foi perguntado se alguma vez elas já ouviram falar sobre o Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal, e 63,33% das participantes nunca ouviram falar, 16,67% ouviram falar na internet, 13,33% ouviram falar em instituições de ensino, 3,33% em instituições de ensino e na internet e apenas 3,33% ouviram falar sobre o transtorno em instituições de saúde. No Brasil os estudos sobre o consumo de bebidas alcoólicas por gestantes são escassos e não há políticas públicas que mencione os riscos que este comportamento, no entanto eles são de extrema necessidade, pois os estudos podem identificar os casos já existentes do Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal e políticas públicas nesta área podem colaborar para levar informação científica e prevenir novos casos, uma vez que a abstinência de álcool durante a gestação pode evitar completamente novos casos de TEAF (FERREIRA et al, 2013).

## CONCLUSÕES

De modo geral, conclui-se que o consumo de bebidas alcoólicas durante a gestação pode trazer graves consequências ao feto, como desenvolver o Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal, que é uma série de anomalias irreversíveis tanto físicas quanto no sistema nervoso central e que desencadeiam alterações cognitivas e comportamentais. Nos achados deste estudo foi possível observar que a maioria das gestantes tem informações sobre os efeitos consumo de álcool durante a gestação e recorrem a abstinência para evitar efeitos adversos futuros em sua prole. No entanto, ainda há uma pequena porcentagem de mulheres que não possuem qualquer informação sobre este assunto, o que sugere a necessidade de estudos futuros, políticas públicas e a capacitação de profissionais de saúde que inseridos na assistência a mulheres gestantes para orientá-las e assim prevenir o TEAF.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIRES, Tharine Louise Gonçalves; SANTOS, Rosângela da Silva. Malformação e morte X Alcoolismo: perspectiva da enfermagem com a teoria da transição em gestantes. **Rev. Bras. Enferm.** v.73 n.1 Brasília 2020 Epub 10-Fev-2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672020000100179&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000100179&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 05 out. 2020.

CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J. C. F. (Coord.). **II Levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país - 2005**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007. Disponível em: <<https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2014/10/II-Levantamento-Domiciliar-sobre-o-Usode-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

FERREIRA, Vanessa Karam de Lima et al. Desempenho intelectual na exposição alcoólica fetal: relato de série de 10 casos. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v.62, n. 3, p.234-239, set. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852013000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852013000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 abr. 2019.

GUIMARAES, Vanessa Alves et al. Prevalência e fatores associados ao uso de álcool durante a gestação em uma maternidade de Goiás, Brasil Central. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 3413-3420, Out. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232018001003413&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018001003413&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 Mai 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. Atlas: São Paulo, 1999.

MESQUITA, Maria dos Anjos. Efeitos do álcool no recém-nascido. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v.8, n.3, p.368-375, set. 2010. Disponível em: <[https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n3/pt\\_1679-4508-eins-8-3-0368.pdf](https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n3/pt_1679-4508-eins-8-3-0368.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Caderneta da Gestante**. Brasília, 4 ed., 2018. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/agosto/31/Caderneta-da-Gestante-2018.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

PINHO, Paula João; PINTO, Ana Luísa; MONTEIRO, Virgínia. **Síndrome Fetal-Alcoólico: A Perspectiva Do Psicólogo.** Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v7n2/v7n2a09.pdf>> Acesso em: 16 mai. 2019.